

Brasileiros estão preocupados com desemprego e dificuldade econômica ²²³

Gallup constata que País acredita menos em prosperidade no ano-novo

Com o otimismo em declínio. É assim, preocupados com as dificuldades econômicas e com o desemprego, que os brasileiros estão vendo a chegada de 1996. Pesquisa do Instituto Gallup, exclusiva para o Estado, aponta uma queda no índice de expectativa de otimismo de 68%, em 1994, para 56%.

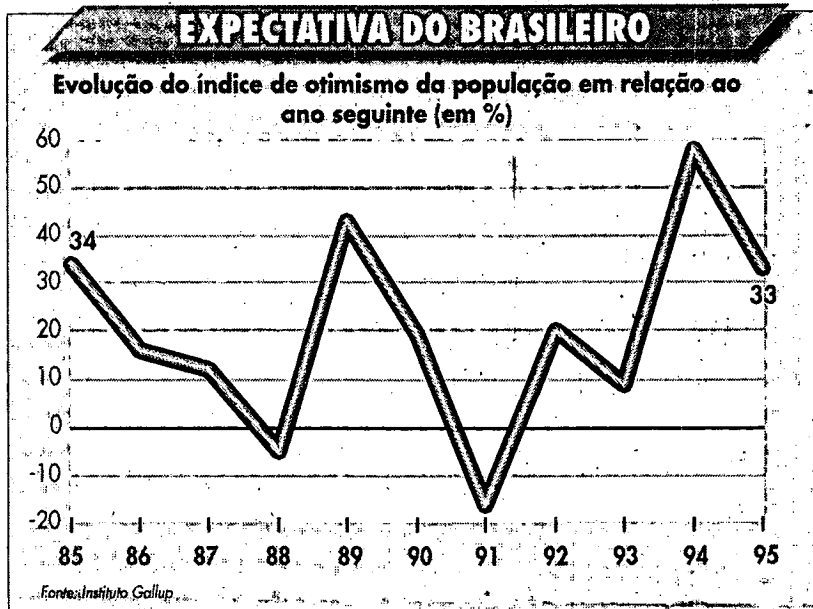
A maioria ainda permanece otimista, mas o pessimismo começa a preocupar. A expectativa de que o próximo ano será pior do que o que passou dobrou: subiu de 10%, em 1994, para 23%. O estudo foi realizado em novembro, com 2.510 entrevistas em 207 cidades de todas as regiões do País.

A pesquisa concluiu que itens ligados ao otimismo, como prosperidade econômica, mais empregos e menos greves tiveram uma variação negativa. A expectativa de mais empregos, por exemplo, que no final de 1994 chegou a um índice de 40%, caiu 18 pontos percentuais — para 22%. Hoje, um número menor de pessoas acredita que haverá mais empregos no País no próximo ano.

A esperança de prosperidade econômica também diminuiu. Desabou dos 45% registrados às vésperas da posse do presidente Fernando Henrique Cardoso para 27% no encerramento do primeiro ano de governo.

Sintomas — Segundo o diretor do Instituto Gallup, Carlos Matheus, “a população começou a ficar mais preocupada”. Para ele, o estudo aponta sintomas de uma mudança de comportamento. “Isso não significa que haja um clima de crise.”

Para o diretor do Gallup, uma comparação com outros países, como saxões e nórdicos, demonstra que o Brasil continua otimista. “Essa é uma característica comum



a países de origem latina.” Mesmo sem abandonar esse comportamento, na opinião de Matheus, o País acompanha uma queda de otimismo registrada também na Argentina e no México.

Isso pode ser medido quando se observa que os indicadores de pessimismo cresceram. Os que acreditam que vão enfrentar dificuldades econômicas eram 27%, em 1994 e hoje são 42%. A expectativa de desemprego deu um salto de 27 pontos percentuais: 31% para 58%. “No ano passado, o público estava mais contente”, lembrou Matheus. Nesse tipo de estudo de expectativas, de acordo com Matheus, as preocupações econômicas são determinantes no resultado.

Na comparação direta entre o otimismo e o pessimismo das pessoas nos três últimos anos, fica claro o que Matheus considera “uma acomodação”. Em 1993, a diferença entre os índices de otimismo e pessimismo era de 9 pontos percentuais. Em 1994, depois da eleição de FH, essa diferença es-

tourou. Foi a 68% de otimismo contra apenas 10% de pessimismo.

Somado os índices de expectativa de que 1995 seria melhor (68%) ou igual (14%), chegou-se ao excepcional número de 82% de expectativa otimista. Mas o último mês de novembro trouxe um equilíbrio, com a variação entre esses dois estados de ânimo ficando em 33 pontos.

O pé no chão do brasileiro aparece ainda na avaliação sobre a evolução da situação econômica: no final de 1994, 56% dos entrevistados responderam que a situação econômica dos últimos 12 meses havia melhorado. Esse percentual agora caiu para 42%.

Enquanto isso, os que consideram que a economia piorou somam 34%. Eram 18%, em 1994. Entre os que responderam que a economia piorou um pouco houve a maior variação negativa: 9 pontos percentuais. Subiu de 10%, em 1994, para 19%. O índice dos que disseram que a economia piorou muito dobrou, passando de 8% para 15%.

DOBRA
EXPECTATIVA
DE QUE O ANO
SERÁ PIOR